

# A EDUCAÇÃO PARA A LIBERDADE E O COMPROMISSO ÉTICO NO ATO DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM

*Volnei Fortuna<sup>1</sup>*

O presente capítulo busca tematizar *A educação para a liberdade e o compromisso ético no ato de ensino e de aprendizagem*. Compreende-se que uma educação séria tem forte implicância na organização das sociedades. A questão indagadora que perpassa a pesquisa consiste: Qual o papel da educação na consolidação de processos de ensino e de aprendizagem promotores de liberdade e de compromisso ético? Quais os princípios orientadores do método freireano? Tem-se como objetivo analisar os conceitos de liberdade, de compromisso e sua implicação com a dinâmica de ensino e de aprendizagem. A partir da pesquisa dialético-hermenêutica busca-se elucidar com as obras freireanas a potência da formação para a liberdade e para o compromisso ético na consolidação de contextos sociais éticos e humanizadores.

No processo educativo a liberdade é um compromisso ético e a sua razão encontra-se na contribuição do quefazer ontológico e antropológico do ser humano que mediatizados pelo pensamento subjetivo e intersubjetivo com o mundo vai constituindo sua existência. A educação tem sentido no momento em que os sujeitos se encontram como seres incompletos e inacabados, sabendo que podem “ser mais” dentro de sua construção de história e de sociedade. O processo formativo do ser humano não se constitui em mais uma atividade entre tantas outras, mas implica numa relação do “ser no mundo com os outros”, colocando-se num constante movimento de estar sendo.

O capítulo busca analisar qual a relação entre a liberdade e o compromisso, estando imbricados com a questão ética na dinâmica pedagógica entre o professor e o estudante. Dialoga-se com a necessidade da formação ética, do

---

<sup>1</sup> Graduado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE). Pós-Graduado em Educação, Direitos Humanos e Relações Étnico-Raciais, realizada pelo IFIBE em parceria com a Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo (CDHPF) e Associação Cultural de Mulheres Negras de Passo Fundo (ACMUN). Formação Pedagógica de Docente para a Educação Básica e Profissional (IFRS) Campus Sertão. Mestre e Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo (UPF). Pós-doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade La Salle - Canoas (UNILASALLE). Pesquisador no grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos. Autor do livro *Epistemologia, ética e práxis pedagógica* em Paulo Freire.

respeito, da compreensão, da humildade e do equilíbrio das emoções entre o professor e o estudante que visam a construção de um ser humano emancipado, autônomo e livre. Pondera-se que a educação pautada pelo compromisso ético e com a liberdade são capazes de promover a consciência reflexiva e crítica diante do contexto em que o sujeito encontra-se inserido, isso quer dizer, um “ser mais” transformador das sociedades.

## **A LIBERDADE NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO HUMANA**

Neste tópico, busca-se enfatizar a concepção de liberdade, apresentando características do processo de formação por meio da pedagogia libertadora de Freire. À medida em que critica o sistema educacional da concepção bancária buscando um novo modelo de educação, sua maior inquietação está na construção de meios educacionais que possibilitem o ser humano de ser livre.

O conceito de liberdade<sup>2</sup> pode ser compreendido como elemento fundamental na prática educativa. A libertação e a liberdade são a finalidade da educação. O processo educacional tem como objeto fazer com que o indivíduo seja sujeito da sua construção de liberdade, movendo-o para a inquietude, sendo esta, uma tarefa árdua pela qual a educação torna-se responsável. A tese que visa-se deixar explícita consiste: educar é libertar. Para isso, faz-se necessário o desenvolvimento de um caminho de conscientização através da educação, que indique a superação de métodos educacionais pautados pela transferência do conhecimento, para um método que coloca o professor e o estudante como cognoscentes do objeto a ser conhecido. “Aqui não há uma pessoa que pensa que sabe diante de muitas que dizem que não sabem e que necessitam ser educados, mas há indivíduos curiosos que procuram conhecer” (TORRES, 1979, p. 100). A educação promove a construção do conhecimento capaz de conduzir o sujeito à liberdade. Quando se busca melhorar, tornar mais humana, justa e igualitária a realidade, abrem-se “portas” para que os sujeitos sejam autores de sua própria história, participantes na conquista da sua liberdade, superando intervenções que tem como objeto a manipulação.

A educação depende de uma busca constante do sujeito, fazendo-o refletir sobre a sua realidade em vista de alternativas que superem a opressão. Para tanto, o professor assume uma posição humilde, comunicando um conhecimento relativo a sujeitos que possuem um conhecimento relativo. Constroem o conhecimento juntos de forma democrática e solidária. O amadurecimento da liberdade ocorre

---

2 A liberdade é uma conquista e não uma dádiva; ela exige atenção permanente que está no ato responsável daquele que a realiza. Ninguém possui a liberdade como condição para ser livre, mas ao contrário, luta-se pela liberdade por não tê-la. A liberdade não é ponto ideal fora das pessoas; não é uma ideia que se faz mito. É condição indispensável ao movimento de pesquisa no qual os sujeitos estão inseridos porque são inconclusos.

na medida em que os sujeitos livres se confrontam na defesa dos seus direitos frente à autoridade do professor, do pai, da mãe, do Estado, entre outros. A liberdade exige a flexibilidade da autoridade para que o sujeito tenha condição de decidir por si próprio e arcar com as consequências da sua decisão. “Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisão deles não é uma intromissão, mas um dever, até, desde que não pretendam assumir a missão de decidir por eles” (FREIRE, 1996, p. 106). A presença dos pais é de análise e de reflexão com o filho, ponderando os possíveis impactos que uma determinada decisão tomada pode gerar.

O posicionamento tomado pelos pais tem que ser de quem, sem prejuízo de sua autoridade, de uma forma humilde aceita acompanhar o filho, não impondo sua vontade e nem ficando chateado com a negação de seu ponto de vista. Sendo assim, o filho assume de uma forma ética e responsável a decisão que é fundamental para sua autonomia. A autonomia enquanto maturidade do ser para si, é processo de um vir-a-ser. A relação entre a autoridade e liberdade garante o respeito entre ambas, sendo que a ruptura de uma ou de outra gera desgaste. “A posição mais difícil, indiscutivelmente correta, é a do democrata, coerente com seu sonho solidário e igualitário, para quem não é possível autoridade sem liberdade e esta sem aquela” (FREIRE, 1996, p. 108). A autoridade e a liberdade são complementares e não paradoxais.

A educação libertadora faz com que o indivíduo reflita sobre seu estado de vida e sobre a realidade que está inserido. O sujeito que expande cultura à sociedade em geral, faz com que sua ação intersubjetiva transforme a realidade, tornando-se em ativo. Nesse cenário, a educação impulsiona a busca e a descoberta. A liberdade certamente é realidade sensível para os sujeitos e não algo inatingível e utópico. Pensar a educação em âmbito democrático no processo de ensino e de aprendizagem, estabelece relações que visam à prática libertadora. A liberdade constitui-se na reflexão e na ação dos sujeitos que percebem a vulnerabilidade e a transformam em independência. “Esta, porém, não é doação que uma liderança, por mais bem-intencionada que seja, lhes faça. Não podemos esquecer que a libertação dos oprimidos é libertação de homens e não de “coisas”” (FREIRE, 1987, p. 53). A liberdade exige exercício compartilhado entre os sujeitos.

A liberdade é uma luta árdua: “esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas ‘liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se’. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça alienada da própria máquina” (FREIRE, 1987, p. 55). A liberdade almejada pelo sujeito tem que ser um processo reflexivo e dialógico buscando um estado de vida e de possibilidade de mudança em vista da realização de sua vocação ontológica de “ser mais”. Consequentemente, a dimensão do “ser

mais” está acoplada à ideia de humanização, conscientização e a ideia de liberdade. A liberdade é a matriz que atribui sentido à prática educativa, alcançando a efetividade e a força na medida em que os estudantes estiverem participando livre e criticamente no processo educacional. Este princípio é importante na estruturação de um ambiente de cultura, que visa uma organização pedagógica problematizadora frente a escola autoritária e tradicional. “A aprendizagem da *assunção* do sujeito é incompatível com o *treinamento pragmático* ou com o *elitismo autoritário* dos que se pensam donos da verdade e do *saber articulado*” (FREIRE, 1996, p. 42).

A liberdade tem sentido na história que o sujeito vive, demonstrando que está intrínseca a si mesmo. Por não ser algo pronto, precisa ser obtida pela ação conjunta dos sujeitos, que a buscam dentro das possibilidades que possuem e da realidade em que vivem, tendo o diálogo como mediador da relação sujeito-sujeito, sujeito-objeto e sujeito-mundo. Desta forma, a liberdade terá um sentido na vida e na história do ser humano, considerando que advém de sua realidade e de sua própria iniciativa. Seu maior significado está na luta sólida dos sujeitos que querem ser livres. Fica evidente que não tendo lucidez sobre qual é o verdadeiro significado do processo de liberdade, corre-se o risco de confundir-la com a opressão. E estando inserido no contexto de criação, recriação e decisão o sujeito passa a ser autônomo e faz parte da construção da realidade, humanizando-a. “[...] na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (FREIRE, 1978, p. 43).

Ser livre implica em tomar decisões e responder por elas, com o risco permanente de erro. Muitas vezes, a incapacidade do sujeito o faz não saber lidar com sua própria liberdade. Ela é a grande vontade do ser humano, aquilo que o engrandece e o torna responsável por seu próprio destino. Tem-se que reconhecer a liberdade como pressuposto irrenunciável do processo educacional. A liberdade acontece se as pessoas a assumirem como referência da qual depende a dignidade humana e o sentido da vida.

Um passo muito importante a ser dado é fazer com que o sujeito assuma livremente e responsabilmente a própria educação, fazendo-o compreender que a dinâmica educativa exige do ser humano uma postura consciente. A liberdade está conectada a uma realidade mutável e não estática. Isso faz com que o sujeito não seja um ser acomodado, descompromissado, mas em constante busca de novas descobertas e imbuído de alternativas. A educação problematizadora é uma prática de liberdade, levando em conta que facilita e proporciona meios que contribuem para educar e se educar, libertar e se libertar, construindo condições próprias a partir da realidade de cada sujeito.

A educação problematizadora é o ponto fundamental para a construção

da liberdade, sendo uma dinâmica de ensino e de aprendizagem democrática, consciente e popular de aprendizagem. É uma educação que estimula, promove e estabelece relações sólidas e conscientes, capazes de aguçar no sujeito a importância de ser construtor de sua história, desalienando-se de suas determinações. Um sujeito consciente em vista de sua transformação e da transformação do mundo. A liberdade incide num conjunto de condições, que permitem a realização da liberdade social e individual numa determinada cultura ou sociedade. Por meio da reflexão da própria realidade o sujeito passa a pensar por si, desamarando-se do monopólio que a sociedade opressora lhe atribui. Com isso, passa a ser impulsionado a agir a partir dos princípios éticos, visando o bem universal.

## **A PRÁXIS DA LIBERDADE E SEU COMPROMISSO ÉTICO**

É interessante notar que a teoria freireana não abandona a concepção política moderna da explicação humana. Afirma que a modernidade não é algo alheio e sim um projeto histórico inconcluso. Apresenta a modernidade como um projeto histórico inacabado, e propõe completá-la e corrigi-la com seu propósito político de educação, enfatizando a emancipação do sujeito como conquista da liberdade do sujeito. A ação histórica do sujeito no mundo atribui-se a sua emancipação histórica e cultural. Desta forma, na cultura o interesse de emancipação se manifesta, se realiza nas dimensões técnicas e sociais. O elemento fundamental na relação teoria e prática consiste na auto-reflexão, contribuindo para uma política de educação crítica, visando atender o interesse da autonomia de cada sujeito. A auto-reflexão coopera na construção da liberdade política e na participação da sociedade como compromisso com o mundo<sup>3</sup>, ou seja, liberdade que dá impulso ao sujeito para assumir um compromisso de transformação social.

Distanciando-se do seu mundo vivido, problematizando-o, “descodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência o homem se re-descobre como sujeito instaurador desse mundo e de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência de si e a consciência do mundo crescem juntas e em razão direta; uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano (FREIRE, 1987, p. 15).

A conscientização do papel do sujeito no mundo enquanto agente transformador da realidade opressiva, faz com que seja escritor de sua própria história.

---

3 É a solidariedade com os sujeitos para a busca incessante da humanização. O compromisso histórico consiste em inserir-se de maneira crítica na história, criando e recriando o mundo.

Estando consciente será um sujeito livre e convicto de sua realidade, atuando na sociedade eticamente. O comprometimento que acontece no exercício da transformação da realidade opressora é identificado como práxis<sup>4</sup>. A práxis é essencial na busca pela emancipação. No contexto de suborno e exploração, os dominados têm a possibilidade de dar-se conta da situação em que se encontram numa hierarquia, servindo como modelo de iluminação dos elementos contidos em sua cultura e o conhecimento adquirido.

A educação como conhecimento crítico provoca a formação da consciência crítica, abrindo horizontes aos sujeitos frente às nuances da sociedade, comprometendo-o para transformá-la. O compromisso com a transformação da realidade exige do sistema pedagógico uma “relação homem-realidade, homem e realidade, ambos inacabados, mas em permanente relação de tal modo que o homem, transformando a realidade, resente em si os efeitos desta transformação” (JORGE, 1981, p. 19). O sujeito conscientizado pelo processo educativo assume com a transformação da realidade a própria busca pela sua liberdade. Busca levar a mensagem real da libertação, provocando o sujeito a conhecê-la objetivamente, sendo esta, uma mensagem de esperança.

O processo de libertação do sujeito parte da práxis, não sendo uma teoria social que não produz reflexo algum na sociedade, mas uma teoria que provoca atitudes conscientes no sujeito frente às realidades desumanizadoras que limitam do “ser mais”. Na obra *Educação e Mudança*, Freire afirma que “[...] o compromisso do profissional com a sociedade” nos apresenta o conceito do compromisso definido pelo complemento “do profissional”, ao qual segue o termo com a “sociedade” (FREIRE, 1979, p. 15). Não se trata de qualquer forma de compromisso, mas, um compromisso crítico, ético e consciente que visa o fim da opressão diante da realidade opressora.

Nesta mesma dinâmica, o compromisso torna-se abstrato ao não envolver a decisão consciente de quem o assume. A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e de refletir. “É preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele. Saber que, se a forma pela qual está no mundo condiciona a sua consciência de estar, é capaz, sem dúvida, de ter consciência desta consciência condicionada” (FREIRE, 1979, p. 16). A ação precisa ser um compromisso consciente, aproximando-nos da natureza do ser que é capaz de comprometer-se. O compromisso é fruto de uma educação problematizadora que faz com que o sujeito aja de forma consciente, vendo o mundo além da sua aparência:

---

4 A práxis significa que ao mesmo tempo em que o sujeito age reflete e ao refletir age. O sujeito da teoria vai para a prática e da sua prática chega à nova teoria, sendo assim, teoria e prática se fazem juntas, se perpetuam práxis.

Somente um ser é capaz de sair de seu contexto, de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo e, transformando-o, saber-se transformado pela sua própria criação; um ser que é e está sendo no tempo que é o seu, um ser histórico, somente este é capaz, por tudo isto, de comprometer-se. [...] Além disso, somente este ser é já em si um compromisso. (FREIRE, 1979, p. 17).

O compromisso demanda a capacidade de distanciar-se do mundo para melhor entendê-lo, agindo de tal forma que o responsabilize pela mudança. O sujeito que assume o compromisso será capaz de mudar o sistema que o oprime. O compromisso não significa algo superficial do real, mas se trata da humanização do mundo. A existência humana se constitui na atuação, na reflexão e no engajamento com o contexto em que o sujeito está inserido. “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em “coisas” (FREIRE, 1979, p. 17). Nesta conjuntura, apresenta-se um sujeito vocacionado a “ser mais”, ser construtor da própria liberdade, comprometendo-se com a transformação da sociedade.

O ser humano em sua condição de historicidade é um projeto em constante condicionamento. Para isso, a educação exerce o papel de significar e ressignificar as questões do passado, do presente, projetando o futuro, assumindo as dimensões de política e de ética. “Sua preocupação não pode ser apenas com a leitura escrita de palavras, o que é importante, mas deve ser com a pronúncia e a ressignificação da vida, da existência, enfim, do mundo” (BRUTSCHER, 2005, p. 139). A competência pedagógica é uma convenção política e alternativa ética. No processo educativo, os professores e os estudantes ao integrar-se com a educação são políticos, encontram-se implicados pela ética universal do ser humano ou no contexto neoliberal, com a ética do mercado.

A opção ética do professor depende da sua compreensão de educação, de conhecimento e de mundo. O que não se pode admitir é a ausência desta opção sob uma argumentação neutra. Na ação humana não há neutralidade. O ser humano é um ser de decisão e de liberdade, sua ação sempre está voltada à uma finalidade a ser alcançada. A atuação encontra-se com sentido e não neutra. Muitas vezes é difícil a percepção e alcance ético das ações, mas isso não quer dizer que perdem sua implicação ética e política.

## **PRINCÍPIOS DO MÉTODO FREIREANO**

É importante ressaltar que o método freireano dá primazia a dois elementos fundamentais, a saber, a cultura e o mundo da vida. Dentre estes princípios a política e a ética são fundamentais no processo libertador. Não há como

manter-se neutro diante do que a sociedade apresenta, inclusive, ter posicionamento é indispensável para uma educação séria, dialógica e libertadora. Esta dimensão pode ser entendida de modo interativo entre os sujeitos na perspectiva educacional.

Meu dever ético, enquanto um dos sujeitos de uma prática impossivelmente neutra – a educativa – é exprimir o meu respeito às diferenças de ideias e de posições. Meu respeito até mesmo às diferenças de ideais e de posições. Meu respeito até mesmo às posições antagônicas às minhas, que combato com seriedade e paixão. Dizer, porém, cavilosamente, que elas não existem, não é científico e nem ético (FREIRE, 1992, p. 79).

A prática educativa é sempre direta, seja ela democrática ou autoritária e a atuação do professor empenha-se, política e eticamente, visando realizar a vocação do sujeito à humanização. O sujeito que está oprimido ao tomar consciência e lutar para alcançar sua liberdade, quebra o paradigma de verticalização, de coisificação, avança-se da situação do “ser menos” para ser sujeito do agir e da sua história, (re)conquistando assim, a vocação histórica de “ser mais”. A educação encontra-se transversalizada com a política e com a ética, estando em constante relação intersubjetiva e com o mundo. Os seres humanos são responsáveis uns com os outros e o professor é aquele que colabora a partir do ato pedagógico, na abertura de novos horizontes sobre a importância da ética e da política. “Há quem diz que, assumindo competentemente os processos pedagógicos, a educação está cumprindo com sua função política na sociedade” (BRUTSCHER, 2005, p. 148). Quando a dinâmica pedagógica está em sintonia com as categorias de ética e de política, avança-se na constituição de sociedades democráticas e humanizadoras.

O método pedagógico freireano tem como finalidade conscientizar os sujeitos da realidade que os oprime, encontrando formas de luta para que se tornem sujeitos de liberdade. A luta é em primeiro lugar do sujeito oprimido, [...] “a luta por esta reconstrução começa no auto-reconhecimento de homens destruídos” (JORGE, 1981, p. 27). Criticamente conscientes dela, serão capazes de superar a realidade opressora e libertarem-se como sujeitos do próprio projeto libertador. Os sujeitos não podem comparecer à luta como coisas, mas conscientes de que são seres humanos roubados de sua dignidade e capazes de libertarem-se.

O reconhecimento é despertado a partir do método libertador, que faz o sujeito aguçar a percepção do “ser menos” e abrir novos horizontes para o “ser mais” gente, mais humano, sendo sociedade. O método pedagógico libertador provoca uma postura crítica frente à realidade as quais o sujeito encontra-se imerso. Faz com que tome consciência da própria situação, criando estratégias de superação.



Como vemos este método pedagógico libertador parte, pois, do mesmo oprimido, da realidade na qual e com a qual eles se encontram, levando-os a uma mudança de atitudes pela conscientização da própria situação, conscientização esta que é o aprofundamento da consciência crítica, “criticidade indispensável para qualquer democratização”, apenas reflexiva; ela é, ao mesmo tempo em que reflexão, ação, ação para superar a realidade e, no caso, a realidade opressora. Em última análise, a consciência crítica é um apelo à ação. E, por isto, o modelo educativo libertador proposto por Freire é, eminentemente, uma crítica a ser realizada pelos oprimidos para a superação das causas da opressão (JORGE, 1981, p. 27-28).

O método pedagógico freireano, tem como ponto de partida o oprimido e sua realidade, visando à busca pela liberdade no vislumbre do “ser mais”. Pensar este método, requer pensar a realidade do oprimido como sujeito cognoscível a sua própria situação, a partir daí que nasce a busca pela liberdade, imbricada com a realidade.

Na educação problematizadora o que chama atenção é o posicionamento assumido pelo estudante, que busca no processo de liberdade uma construção conjunta e não de uma ação individual. A pedagogia freireana se dá a partir da tomada de consciência dos sujeitos, do comprometimento social e da consciência crítica do estudante: “[...] este conhecimento que leva o homem ao ato de conhecer e pelo qual se reconhece conhecendo, é problematizador porque leva os homens a conhecer um pouco mais de si mesmos o que os põe a si e seus conhecimentos como problema” (JORGE, 1981, p. 31). O ato cognoscitivo leva os seres humanos ao autoconhecimento, problematizando a própria realidade com outros interlocutores sociais. Como sujeito inserido na sociedade tem-se a responsabilidade social e política que demanda da ação individual e coletiva. A conscientização e compromisso com a sociedade levam o sujeito à discussão corajosa de seu problema, aconselhando-os dos perigos existentes de seu contexto, dando-lhe coragem para lutar por seus direitos ao invés de serem levados à não crença do seu próprio *eu*, contido nas perseguições desatentas.

O método da educação problematizadora, tem como fundamento o diálogo que supera a contradição entre o professor e o estudante, relacionando-se em torno do mesmo objetivo cognoscível. Supera-se o dito “professor de um estudante”, adotando o diálogo como mediador entre os sujeitos e o mundo, ambos ativos na constituição da própria educação. O diálogo é essencial e faz a diferença entre os sujeitos. Ao contrário do método de aprendizagem da educação bancária, a alfabetização conectada à democracia cultural propõe novos atos criadores, proporciona a invenção e reinvenção do mundo, colocando o sujeito em constante busca. Um método educacional que estimula o estudante a ser ativo na construção do conhecimento, mediado pelo professor. Procura-se uma metodologia capaz de colocar o estudante como protagonista do processo

de ensino e de aprendizagem, tendo “o conteúdo da aprendizagem com o processo mesmo de aprender” (FREIRE, 1979, p. 41).

O conhecimento inerente ao sujeito é a referência indispensável para o processo de conscientização. Para isso, é de suma importância que o professor possibilite ao estudante apresentar o seu conhecimento da realidade, iniciando assim, a construção de um novo conhecimento. Mesmo o sujeito sendo analfabeto, vivendo em uma realidade opressora não significa que o conhecimento está ausente nele. Ver o conhecimento como processo de liberdade começa no momento que o sujeito se der conta que está sendo oprimido, por meio disso, engaja-se na luta pela libertação. No livro *Pensamento e Ação no Magistério*, Moacir Gadotti constitui uma iniciação à vida e obra de Freire, bebendo de suas ideias e procurando confrontá-las com a prática. Explicita que é impossível não identificá-las como aquilo que pensam os professores que procuram estar comprometidos com a educação popular e libertadora. Gadotti expõe três fases distintas da consciência crítica, podendo ser esquematicamente descritas assim: 1. Descoberta de realidade; 2. Tematização e; 3. Problematização.

A primeira é a *descoberta da realidade* à qual proporciona de modo eminente à *investigação*; trata-se da delimitação da área em que se vai trabalhar. Esta fase faz o reconhecimento da área, buscando aproximar os habitantes da área através de fontes secundárias, tendo como objeto detectar os temas epocais<sup>5</sup>. Os temas permitem descobrir valores, concepções, esperança, ideias, interação dialética, desafios existentes no universo temático dos sujeitos na comunidade. A participação dos membros formam juntos um grupo de investigação.

Esta etapa da descoberta do universo vocabular, em que são levantadas **palavras** e **temas geradores** relacionados com a vida cotidiana dos alfabetizando-se do grupo social a que eles pertencem. Essas palavras geradoras são selecionadas em função da riqueza silábica, do valor fonético, e principalmente em função do significado social para o grupo. A descoberta desse universo vocabular pode ser efetuada através de encontros informais com os moradores do lugar em que se vai trabalhar, convivendo com eles, sentindo suas preocupações e captando elementos de sua cultura (GADOTTI, 1989, p. 39).

A codificação<sup>6</sup> e descodificação<sup>7</sup> existencial é o momento descritivo ainda abstrato quanto ao teor, mas de extrema relevância para o início da análise. A primeira fase consiste na descoberta da realidade, a investigação das palavras, chamada por Freire de geradoras, sendo o momento oportuno de o professor

---

5 Os temas de uma época são a representação das ideias, dos valores, das concepções e das esperanças como, também, o obstáculo ao “ser mais” para os seres humanos.

6 Consiste na representação de uma situação existencial ou real construída pelos estudantes com seus elementos em interação.

7 É a passagem do abstrato ao concreto das partes do todo e um retorno do todo às partes.

questionar o estudante: O que conhece? O que pensa? Como esta vivendo? Isso denota buscar conhecer a realidade do estudante, provocando-o a percepção de sua situação de vida e de realidade.

A segunda fase se caracteriza na *tematização*, que enfatiza a delimitação do objeto temático, sendo eminentemente programática. Seu objeto fundante é a elaboração das codificações, atendo-se ao universo temático em termos de um programa<sup>8</sup> de alfabetização. Deste modo, a tematização busca questionar sobre a realidade, perguntando qual o sentido semântico das palavras apresentadas pelo estudante. A fase da importância em contextualizar a reflexão que está sendo feita pelo estudante.

Nesta segunda etapa, são codificados e decodificados os temas levantados na fase de tomada de consciência, contextualizando-os e substituindo a primeira visão mágica por uma visão crítica e social. Descobrem-se assim novos temas geradores, relacionados com os que foram inicialmente levantados. É nesta fase que são elaboradas as fichas para a decomposição das famílias fonéticas, dando subsídios para a leitura e a escrita (GADOTTI, 1989, p. 39-40).

E por fim, a *problematização*<sup>9</sup> onde depois de feita a descoberta da realidade e da tematização, visa-se a problematização, fase eminentemente pedagógica. Seu objeto fundante é a realização dos diálogos decodificadores que ocorrem sobre as situações existentes. Nas idas e vindas entre abstrato-concreto e concreto-abstrato, vislumbra-se a problematização do concreto.

Descobrem-se os limites e as possibilidades das situações existenciais concretas captadas na primeira etapa. Evidencia-se a necessidade de uma ação concreta, cultural, política, social, visando à superação de situações-limites, isto é, de obstáculos à hominização. Saber ler e escrever torna-se instrumento de luta, atividade social e política. O objetivo final do método é a conscientização. A realidade opressiva é experimentada como um processo passível de superação. A educação para a libertação deve desembocar na **práxis transformadora**, ato do educando, como sujeito, organizado coletivamente (GADOTTI, 1989, p. 40).

As inquietações éticas expostas na pedagogia freireana nestas fases, presuppõe e estabelece critérios de conduta e de ação, estando interligados e articulados dentro de um conceito de ação do sujeito no mundo. É por meio deste reconhecimento recíproco que o professor estimula o estudante a debater sobre sua situação existencial. A partir daí surgiram às palavras geradoras que serão

---

8 Este programa é verificado e conferido pelas autoridades de organizações comunitárias da área de alfabetização e não fica restrito ao grupo de investigação a que se refere.

9 E propor a situação como um problema. A problematização nasce da consciência que os sujeitos adquirem de si mesmos, de que sabem pouco a seu próprio respeito. Esse pouco saber faz com que se transformem e se ponham a si mesmos como problemas.

codificadas, tomando posse dos temas, contextualizando-os para problematizá-los. O que fazer diante desta situação? O processo de construção da liberdade mostra-nos que não basta somente tematizar, pois, a problematização é o ponto central no processo de libertação.

Através das três fases dos princípios metodológicos freireanos, busca-se refletir os diversos desdobramentos. É evidente que se trata de um método que prima pela liberdade do sujeito. Diferente de outros métodos educativos, este método pedagógico preocupa-se em descobrir e conhecer a realidade do estudante. Portanto, a pedagogia freireana aproxima a liberdade e o compromisso ético de tal sorte que, quanto mais liberdade o sujeito tiver, maior será o seu compromisso ético; e quanto mais compromisso ético, maior será a sua liberdade. Na educação libertadora, a ação e a reflexão estão universalmente comprometidas com a mudança social, para isso é preciso uma educação que provoque e estimule o compromisso ético.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada permite-nos abertura de novos horizontes elucidativos sobre a importância do compromisso ético e da liberdade indagados pela pedagogia freireana. Enfatiza-se que a educação é elemento central no processo de construção da liberdade do sujeito. Ser sujeito é uma vocação ontológica e antropológica que diferencia o ser humano dos outros animais e que lhe dá a possibilidade de optar e decidir, criar e recriar, organizar e planejar, consolidar a própria história. A educação libertadora promove o sujeito para o próprio processo ético-libertador.

É importante observar a diferença entre a educação bancária, que se limita a transmitir o conhecimento de forma simétrica e autoritária, e a educação libertadora, que busca a produção subjetiva e intersubjetiva de conhecimento, onde os seres humanos encontram-se envolvidos na construção do ensino e da aprendizagem. A educação ético-libertadora instiga o sujeito a buscar a liberdade. Tem como fundamento o diálogo autêntico entre o professor e o estudante, que vão descobrindo seus universos juntos, tematizam e problematizam este universo em vistas da garantia da dignidade humana, da democracia, da humanização.

Portanto, a educação pautada pelo compromisso ético e com a liberdade, estimula os sujeitos a mudarem a ordem das coisas através da conscientização e da capacidade de sonhar com uma realidade transformada. A pedagogia freireana tem como característica o projeto de libertação ética, marcado por uma posição clara: educar é libertar. Propõe uma metodologia de reflexão e de ação ativa. Nela o sujeito é um ser da práxis, com a capacidade de conhecimento e de transformação pelo trabalho que realiza. Por fim, a liberdade é a expressão

da grandeza humana, contribui com a formação de sujeitos éticos, significando e ressignificando a existência humana. A educação pautada pelo compromisso ético e com a liberdade são capazes de promover a consciência reflexiva e crítica diante do contexto em que o sujeito encontra-se inserido, isso quer dizer, um “ser mais” transformador das sociedades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUTSCHER, Volmir José. *Educação e conhecimento em Paulo Freire*. Passo Fundo: IFIBE e IPF, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. *Uma educação para a liberdade*. 2. ed. Porto: Firmeza, 1973.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. *Educação e Mudança*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *Ação Cultural Para a Liberdade*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. *Extensão ou Comunicação?*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Conscientização. Teoria e Prática da Libertação: uma introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

\_\_\_\_\_; NOGUEIRA, Adriano. *Construção da liberdade*. São Paulo: Loyola, 1979.

TORRES, Carlos Alberto. *Consciência e história: A Práxis Educativa de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1979. (Paulo Freire; 1).

JORGE, J. Simões. *A Ideologia de Paulo Freire*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1981. (Paulo Freire; 5).

JORGE, J. Simões. *Educação crítica e seu método*. São Paulo: Loyola, 1981. (Paulo Freire; 6).

GADOTTI, Moacir. *Convite à leitura de Paulo Freire: Pensamento e ação no magistério*. São Paulo: Scipione, 1989.